

# Passo atrás em direitos humanos

Relatório da Anistia Internacional ataca EUA e China por aumento em execuções

José Meirelles Passos

Correspondente • WASHINGTON

**A**nistia Internacional comemorou ontem seus 40 anos de existência divulgando um relatório pouco animador. Segundo o documento, que abrange 149 países, as violações aos direitos humanos tiveram um aumento considerável no ano passado, "voltando aos níveis elevadíssimos da década passada".

A China foi denunciada como o país onde tais abusos vêm sendo mais cometidos, numa demonstração de que "a expansão de suas alianças comerciais não têm servido para proporcionar maior liberdade a sua população, como se esperava".

O presidente da China, Jiang Zemin, foi considerado pela Anistia "um dos maiores vilões dos direitos humanos", por manter o Partido Comunista no poder "através de uso generalizado de tortura, perseguições a grupos minoritários e supressão da liberdade de expressão, associação e religião".

Só no ano passado, 1.511 chineses foram condenados à morte e mil foram executados. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos, país que se autodenomina "campeão dos direitos humanos" e onde a pena de morte é a cada dia mais aplicada, também receberam críticas intensas no relatório divulgado ontem simultaneamente em Washington e Londres.

— O uso contínuo da pena de morte é um exemplo da falha de liderança na área dos direitos humanos — disse William Schulz, diretor da Anistia Internacional nos Estados Unidos, ao divulgar o relatório.

## EUA reagem a crítica da Anistia

• Depois de mencionar o elevado número de execuções nos EUA no ano passado (85), e lembrar que é a única nação ocidental e industrializada a impor esse tipo de condenação, Schulz referiu-se a dezenas de casos de brutalidade policial, discriminação racial, tortura e maus tratos nas prisões para justificar a acentuada queda do país em termos de direitos humanos.

— Não é de admirar que os Estados Unidos tenham sido retirados da Comissão de Direitos Humanos da ONU. Esse país faz parte da vergonhosa liga da pena de morte formada por China, Irã e Arábia Saudita — afirmou o diretor da Anistia Internacional.

Uma empresa e uma entidade oficial americanas foram chamadas também de "vilãs dos direitos humanos". A Unocal, companhia de

energia da Califórnia, por continuar operando em Mianmar (antiga Birmânia) e, dessa forma, fornecer apoio financeiro ao seu governo militar — considerado um dos maiores violadores dos direitos humanos no mundo. Já a Junta de Indultos e Liberdade Condicional do Texas recebeu o mesmo tratamento, por con-

tinuar realizando "uma revisão defeituosa e injusta dos casos de pena de morte, por analisar em segredo os pedidos de clemência e votar por fax ou telefone, sem obedecer aos devidos procedimentos".

Entre os 85 prisioneiros executados nos EUA no ano passado, havia doentes mentais, além de pessoas

que tinham menos de 18 anos quando cometeram os crimes pelos quais foram condenadas, informou a Anistia. A instituição considerou ainda que alguns dos executados receberam defesa legal inadequada.

Quase a metade das execuções — 40 — aconteceram no Texas.

O governo americano reagiu imediatamente às críticas.

diatamente às críticas.

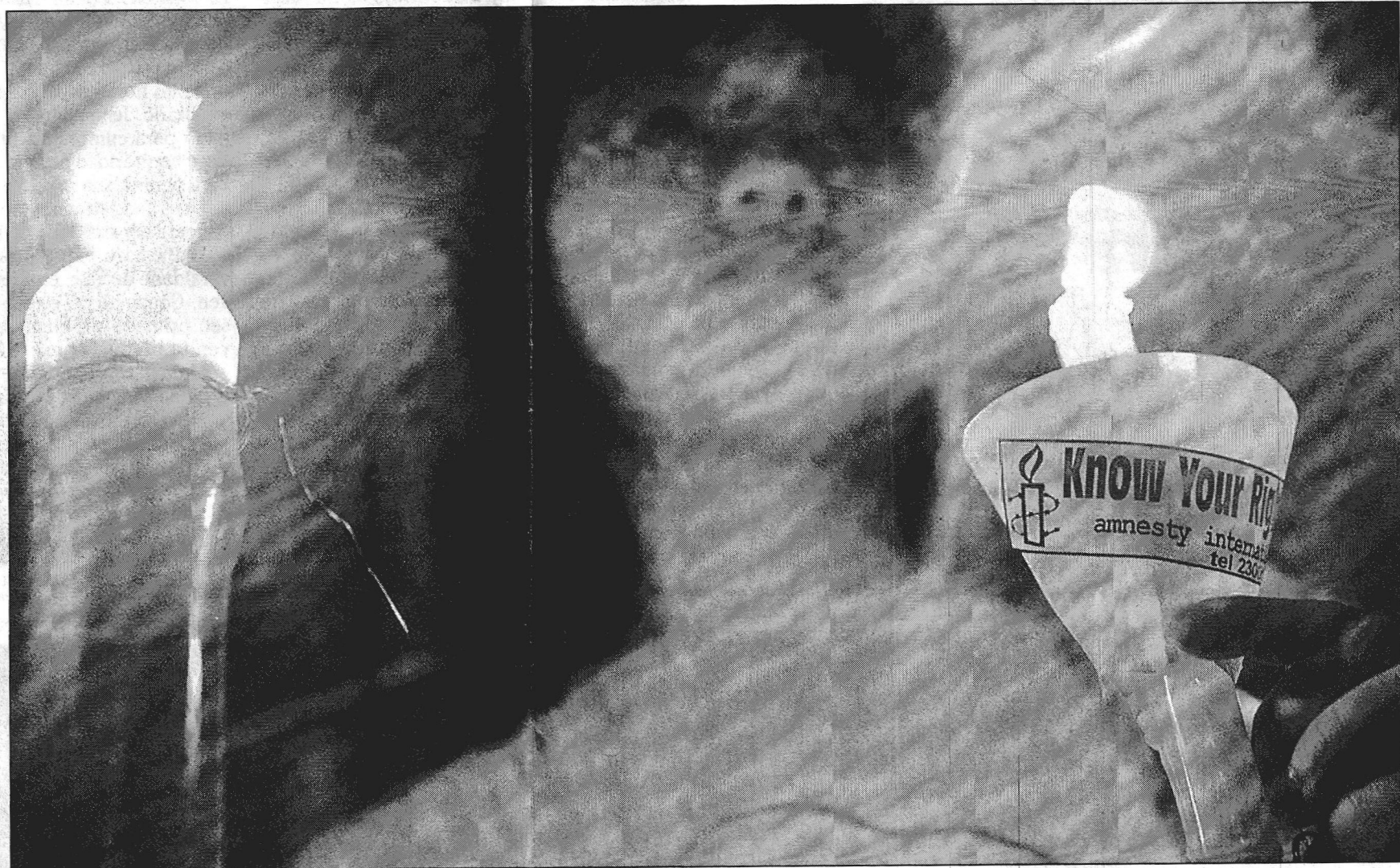
— Com todo o respeito pela Anistia, não estamos de acordo com a opinião de que nos transformamos num empecilho ao respeito dos direitos humanos no mundo, como afirma esse grupo — disse Phil Reeker, porta-voz do Departamento de Estado.

## Tortura é praticada em 129 países

• Os destaques mais negativos na América Latina foram Colômbia e Brasil. Na Colômbia, foram registrados quatro mil homicídios políticos, 1.500 seqüestros por grupos guerrilheiros ou paramilitares e a expulsão de 300 mil pessoas de suas casas por aqueles bandos. A Anistia registrou ainda pouco mais de 300 desaparecimentos no país.

Em termos gerais, aumentou o número de países onde foram cometidos assassinatos políticos: 61. Isto significa um crescimento de 69% em relação a 1999.

Em 63 dos 149 países investigados pela Anistia Internacional, foram encarceradas pessoas que o grupo considerou "presos de consciência". A tortura continua sendo praticada em nada menos do que 125 países. ■



UMA INTEGRANTE da Anistia Internacional numa vigília em Hong Kong: China é o país onde foi verificado o maior número de casos de desrespeito aos direitos humanos

AFP